CECÍLIA MEIRELES, ÍNDIA E GANDHI[1]

CECÍLIA MEIRELES, INDIA AND GANDHI

Anderson Azevedo Ferigate[2]
Teresinha V. Zimbrão da Silva[3]

Resumo: A obra literária de Cecília Meireles (1901-1964), especialmente a poesia, é bastante conhecida. No entanto, ainda há um aspecto de seu trabalho pouco estudado pela crítica e pela academia: a intensa relação que a escritora estabeleceu com a cultura indiana. O presente artigo pretende refletir sobre essa relação, sobretudo analisará o diálogo ceciliano com Mahatma Gandhi (1869-1948), o principal líder político e religioso da Índia no século XX. Além disso, também mostrará que essa relação com a cultura indiana se deu desde muito cedo na vida da escritora e percorreu de maneira direta ou indireta toda sua trajetória literária e pessoal.

Palavras-chave: Cecília Meireles. Mahatma Gandhi. Índia.

INTRODUÇÃO

Quando se olha com atenção para a obra de Cecília Meireles percebe-se a presença da Índia milenar ao longo de sua literatura. Presença esta, aparente e óbvia em certos momentos, e apenas simbólica ou como força motriz e inspiradora em outros. Todo esse diálogo intercultural tem como base uma consciência profunda que a escritora tinha da existência, além de uma noção espiritual de desapego como forma de compreender a realidade. Importa notar que Cecília viajou, tanto em sentido metafísico-espiritual, quanto em sentido real, para a Índia. Nessas viagens deparou-se com a saga, o destino e a biografia dos grandes homens que formaram aquele país, personalidades que muito tinham a dizer sobre a Índia contemporânea. Dentre esses vultos destacam-se o Nobel de Literatura de 1913, Rabindranath Tagore (1861 - 1941), e, sobretudo, o líder pacifista Mahatma Gandhi (1869 - 1948). O presente artigo pretende refletir sobre essa relação ceciliana com a cultura indiana e, principalmente, com

[1] Agradecemos a contribuição do Prof. Dr. Dilip Loundo, do Departamento de Ciência da Religião da UFJF, a respeito do diálogo ceciliano com a Índia.
[2] Mestre em Estudos Literários, professor do ensino público do Estado de Minas Gerais, e-mail: andersonferigate@hotmail.com.
[3] Pós-Doutora em Literatura, professora titular da Graduação e Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários da UFJF, e-mail: teresinha.zimbrao@gmail.com.

Revista Língua e Literatura, v. 21, n. 37, p. 123-136, jan./jun. 2019.
Recebido em: 30 set. 2019.
Aceito em: 15 jul. 2020.

Gandhi. Pois principiemos por mostrar que essa relação intercultural se deu desde muito cedo na vida da escritora e marcou de modo profundo a sua trajetória literária e pessoal.

CECÍLIA E A ÍNDIA

As referências indianas aparecem na poesia ceciliana desde a sua primeira coletânea, *Espectros*, publicada em 1919. O segundo poema, intitulado Brâmane, foi reproduzido aqui em suas duas últimas estrofes:

> Ao sol, que os céus abraça e o chão calcina,
> Impassível, a sílaba divina
> Múrmura... E a cólera hibernal do vento
>
> Não ousa à barba estremecer um fio
> Do esquelético hindu, rígido e frio,
> Que contempla, extasiado, o firmamento.
> (MEIRELES, 2001, p. 16)

Essa primeira inserção indiana em sua obra poética antecipa muito do que há por vir em sua literatura. A leitura dessa poesia inicial revela muito de um lirismo místico vindo de Tagore. Essas primeiras impressões, caracterizadas por uma ideia neorromântica de uma realidade sombria e por uma tendência escapista de fuga do mundo, vão mudar com as viagens imaginárias e reais de Cecília.

Viagem, como irá se verificar adiante, é uma palavra essencial para entender Cecília Meireles, e marca a sua jornada, tanto no sentido literário quanto no sentido físico, por várias partes do mundo. Com a coletânea *Viagem*, de 1939, Meireles conseguiu chamar a atenção para o seu nome na literatura nacional. Mário de Andrade, por ocasião do lançamento dessa coletânea, disse ser extraordinária a capacidade ceciliana de preencher de silêncio as palavras. (ANDRADE, 1944).

O lirismo filosófico ceciliano em relação a outras culturas, como a portuguesa, italiana, holandesa ou indiana, expressa o desejo de absorver os fundamentos desses povos. Entre esses se destaca o último citado e a consequente transformação desse diálogo com a Índia em prosa e poesia originais. O caminho de Meireles enquanto escritora foi abastecido pelo conhecimento dos livros sagrados do hinduísmo, em especial, os *Upaniṣads*.

O ponto culminante da relação com o país foi sua viagem até lá. Cecília visitou a Índia em 1953 por três meses. De sua estadia no país oriental saíram obras importantes como as

Revista Língua e Literatura, v. 21, n. 37, p. 123-136, jan./jun. 2019.
Recebido em: 30 set. 2019.
Aceito em: 15 jul. 2020.

crônicas, reunidas mais tarde pela Editora Nova Fronteira em *Crônicas de viagem*, dentre as quais nos volumes II (1999a) e III (1999b) se concentram aquelas dedicadas à cultura indiana. Obras como *Poemas escritos na Índia* (2014), que, como revela o próprio título, reúne a poesia formal que escreveu durante a sua jornada, publicada pela primeira vez em 1961. Dilip Loundo[4], em seu artigo, Cecília Meireles e a Índia: viagem e meditação poética (2007), analisa o périplo de Cecília: os lugares que visitou, as circunstâncias que descreveu e as pessoas que conheceu. Sua jornada naquele país tinha um propósito muito íntimo: o seu "encontro" com o "velho amigo", Mahatma Gandhi. Loundo afirma que houve um grande contexto intercultural nessa viagem que uniu tudo o que Cecília havia aprendido sobre a Índia, por via indireta, com o que ela presenciou em seu percurso. Nada mais natural, portanto, que esse intercâmbio cultural aparecesse de modo muito bem apurado em sua produção literária, como no já citado *Poemas escritos na Índia* e nas crônicas publicadas em vários jornais e revistas na época e reunidas depois em *Crônicas de Viagem.*

O convite para essa jornada indiana, para que ela participasse de um seminário internacional em comemoração ao centenário do nascimento de Gandhi, partiu do próprio governo daquele país. Nos 67 dias em que lá ficou passou por muitas cidades indianas, muitas das quais viraram poesias e crônicas: Nova Délhi, Sikandara, Agra, Fatehpur, Sikri, Jaipur, Patna, Calcutá, Cuttak, Puri, Chennai, Coimbatore, Bangalore, Hyderabad, Golconda, Aurangabad, Ajantá e Goa. Na segunda parte da sua viagem, ela se juntou ao marido, Heitor Grillo, que viajava como membro do Conselho Nacional de Pesquisas (CNPq) e que tinha o intuito de conhecer instituições de pesquisas agrícolas naquele país. A agenda da autora, portanto, ficou à mercê dos compromissos oficiais do esposo.

Durante quase toda sua viagem, Cecília Meireles viajou praticamente anônima, o que lhe dava uma sensação de desapego do ego muito grande. Isso mudou em Goa, que, então, era uma colônia portuguesa e vivia uma tensão muito grande com movimentos por sua libertação, situação que deixou a escritora em posição muito embaraçosa, já que se tratava de um conflito entre dois povos que ela amava: o português e o indiano. Por isso mesmo, preferiu se abster de comentários políticos nessa cidade. Ela era reconhecida pela elite portuguesa local como grande poeta da língua pátria e, justamente por isso, por onde quer que fosse, era homenageada e entrevistada, sendo essa, portanto, a parte mais documentada de sua viagem.

[4] Dilip Loundo traduziu os poemas de Cecília Meireles para o inglês no contexto indiano. (MEIRELES, Cecília. *Travelling and Meditating*: Poems writen in India and others poems. Trad. Rita R, Sanyal e Dilip Loundo. Nova Delhi: Embaixada do Brasil, 2003).

Revista Língua e Literatura, v. 21, n. 37, p. 123-136, jan./jun. 2019.
Recebido em: 30 set. 2019.
Aceito em: 15 jul. 2020.

Não à toa, Goa se tornou tema de algumas crônicas cecilianas e a poeta não deixava de fazer reflexões sobre as semelhanças e diferenças entre a cidade indiana e o Brasil. No dia 06 de março daquele ano, a escritora deixou a Índia trazendo na mala os pensamentos, emoções e sensações daquela civilização milenar e, ainda assim, tão parecida com a sua pátria.

Essa viagem foi o grande encontro de Meireles com o país pelo qual tinha grande fascínio. Fascínio este que começou muito cedo, ainda antes da coletânea *Espectros*. Já na infância, ouvia histórias contadas por sua avó materna sobre a navegação portuguesa às Índias, no tempo das colônias, e da quantidade imensa de costumes e mercadorias que foram trazidos daquela terra. Segundo ela própria em *Meus "orientes"*:

> Minha avó, que falava uma linguagem camoniana, costumava dizer, em certas oportunidades: "Cata, cata, que é viagem da Índia!" Eu ainda não conhecia o sentido náutico do verbo "catar": mas parecia-me que, com aquele estribilho, tudo andava mais depressa, como para uma urgente partida. (MEIRELES, 2016, p. 36).

Essa frase de sua avó também é o título de um belíssimo poema em que a escritora retrata essa exploração de herança colonial na Índia:

> "Cata, cata, que é viagem da Índia..."
>
> As horas de navegação, minha filha,
> Os adeuses dos lenços,
> A morte nos barcos.
> Rezemos pelos náufragos,
> A ordem do rei,
> O rei que Deus tenha na glória
> _ mas por que os reis querem ser donos do mundo?
> (MEIRELES, 2001, p. 1876)

À medida que cresce, os contos da avó são substituídos pelo estudo, pela curiosidade de ir às fontes verdadeiras daquele país desconhecido. Só o conhecimento poderia ajudá-la nessa tarefa. Por isso, ela estudou e sabia com proficiência hindi e sânscrito. Segundo o pesquisador Dilip Loundo (2007), percebe-se que ela estudou com profundidade a literatura sânscrita clássica como *Ramayana,* os *Vedas,* os *Upaniṣads,* os *Sutras* budistas e a própria vida de Sidarta Gautama, que lhe interessava bastante. Leu e traduziu poetas místicos como Kabir (1440 – 1518) e autores que lhe foram contemporâneos como Naidu (1879 – 1949). Mas, sem dúvida, os autores indianos que mais causaram impacto na doutora *Honoris Causa* em Letras pela Universidade de Nova Delhi, título dado à Cecília por ocasião de sua viagem

Revista Língua e Literatura, v. 21, n. 37, p. 123-136, jan./jun. 2019.
Recebido em: 30 set. 2019.
Aceito em: 15 jul. 2020.

ao país asiático, são os já citados Tagore e Gandhi, como ela própria confessa em suas crônicas.

> Num dado momento, a Índia projetou-se no Ocidente com um esplendor fora do comum: dois homens a tornavam assim radiosa e atraíam para ela o respeito e a admiração dos povos – Rabindranath Tagore e o Mahatma Gandhi. Isso foi no tempo em que se preparava a sua independência, para a qual, de maneira diversa, porém, igualmente notável, contribuíram esses dois grandes espíritos. (MEIRELES, 2016, p. 134)

Cada um deles contribuiu de maneira decisiva para a forma como Cecília via o mundo e traduzia isso em literatura. Tagore, desde a juventude da escritora, era o grande referencial poético e espiritual. Em 1924, com apenas 23 anos e por ocasião da passagem do poeta laureado pela América Latina, Meireles lhe dedicou o poema, Ó Diviníssimo Poeta, no qual demonstra seus sentimentos: mistura de tristeza e temor de que a presença física do escritor pudesse, de alguma forma, apagar o brilho de sua aura mística e literária.

> E tu estavas perdido no prestígio glorioso da ausência...
> Penso que vais aparecer... Meus olhos andam tristes...
> Os tempos não têm clemência! Os homens não têm clemência!
> E todos vão saber que vives, que és, que existes!...
>
> Sofro porque eras o Todo Longe, o Todo Altura,
> O Creador, que ninguém sabe como será...
> É muito, é enormemente doloroso ser criatura...
> Rabindranath! Rabindranath! Rabindranath!
> (MEIRELES, 1923, p. 49)

Cecília fez inúmeras traduções de suas obras – os sete poemas de *Puravi;* os contos, *Mashi, Raja* e *Rani;* o romance *A Quatro Vozes;* a peça de teatro *O Carteiro do Rei,* além do próprio hino nacional indiano. Ainda publicou artigos e conferências sobre o escritor, além de ter sido a responsável por organizar, junto ao MEC (Ministério da Educação e Cultura), as comemorações, no Brasil, do centenário de vida do poeta em 1961. Essa admiração pelo grande poeta hindu pode ser vista nos versos de Cançãozinha para Tagore:

> Àquele lado do tempo
> onde abre a rosa da aurora,
> chegaremos de mãos dadas,
> cantando canções de roda
> com palavras encantadas.
>
> Para além de hoje e de outrora,
> veremos os reis ocultos,

Revista Língua e Literatura, v. 21, n. 37, p. 123-136, jan./jun. 2019.
Recebido em: 30 set. 2019.
Aceito em: 15 jul. 2020.

senhores da vida toda,
em cuja etérea cidade
fomos lágrima e saudade
por seus nomes e seus vultos

Àquele lado do tempo
onde abre a rosa da aurora,
e onde mais do que a ventura
a dor é perfeita e pura,
chegaremos de mãos dadas

Chegaremos de mãos dadas,
Tagore, ao divino mundo
em que o amor eterno mora
e onde a alma é o sonho profundo
da rosa dentro da aurora.

Chegaremos de mãos dadas
cantando canções de roda.
E então nossa vida toda
será das coisas amadas.
(MEIRELES, 2001, p. 1014)

O próprio título revela uma grande proximidade afetiva ao colocar a palavra canção no diminutivo, evidenciando um carinho para com o destinatário do poema. Os versos reforçam o desejo de comunhão de almas, um desejo puro como o das crianças em roda e da ingenuidade de existências vividas com amor. Igualmente importantes foram os ensinamentos de Tagore sobre educação, visto que ele era fundador de uma universidade na Índia e a própria Cecília era uma pedagoga, sempre interessada na educação brasileira.

A ligação da autora com os personagens importantes da civilização indiana se estende até o fim de sua vida. No ano em que morreu, em 1964, ainda dedicou um último poema ao homem que tinha formalizado o convite para a conferência sobre Gandhi em Nova Delhi e do qual ela era grande admiradora, o líder político Jawaharlal Nehru. Breve Elegia ao Pandit Nehru foi escrito para homenagear a memória do primeiro e mais longevo primeiro-ministro da Índia. Homenagem que já começa no título, pois *pandit* em hindi é a forma carinhosa pela qual também era chamado.

> Uma pequena rosa para aquele que gostava de trazer um botão de rosa ao peito. Para aquele que trazia uma rosa no coração, aberta a generosos ventos. Uma pequena rosa.
>
> Um pensamento belo para aquele que só entendia a vida quando inspirada por um sopro de beleza. Para que assim também se entenda a morte, um pensamento belo.

Revista Língua e Literatura, v. 21, n. 37, p. 123-136, jan./jun. 2019.
Recebido em: 30 set. 2019.
Aceito em: 15 jul. 2020.

> Uma luz para aquele homem de cristal que brilhava entre os esmaltes verdes e azuis dos jardins. Que parava, afetuoso, diante dos lótus amados, no seu mundo de água. Uma clara luz.
>
> Um silêncio para o herói de tantas batalhas, nos combates da liberdade. Um silêncio para o que tornou próximo de todos o seu país distante, e amado por todos o seu povo mal conhecido. Um silêncio para o herói que se foi reunir aos outros heróis da Índia; pois este é o momento dos grandes encontros, da ressurreição, da permanência. E esta uma assembleia imortal. Um silêncio.
>
> Uma pequena rosa. Um pensamento belo. Uma luz. Um silêncio
>
> Uma coroa para a alma do Pandit Nehru. (MEIRELES, 2001, p. 1431)

E com rosa, pensamento, luz e silêncio, Cecília Meireles também se despede da vida em novembro daquele ano, deixando como legado seu enorme lastro literário e a tentativa de uma vida inteira de aproximação e entendimento de uma cultura diferente da sua. De fato, Cecília, uma das raras escritoras brasileiras cultoras da Índia, deixou um grande legado literário sobre aquele país, sendo que deste legado, analisaremos em seguida uma parte importante que se refere a Gandhi: estudaremos o poema em que a presença gandhiana é explícita desde o título, Elegia sobre a morte de Gandhi.

CECÍLIA E GANDHI

> Não é possível libertar um povo, sem antes, livrar-se da escravidão de si mesmo.
> Gandhi

A busca de Cecília Meireles pela Verdade através da Não-Violência, tal como defendia Gandhi, sua admiração por ele, e por toda a cultura indiana encontraram seu clímax na viagem que a escritora fez ao país em 1953. O motivo mesmo da viagem era Gandhi, que simbolizava as relações entre uma Índia ancestral e mística e outra, moderna, pós-colonial e que, de muitas maneiras, tinha problemas semelhantes aos do Brasil. Além de participar da Conferência Internacional sobre Gandhi, Cecília Meireles queria aprender mais sobre o "amigo", tanto sobre sua filosofia quanto sobre sua práxis política.

A odisseia ceciliana no país de Gandhi, que durou três meses, foi alicerçada com uma grande carga intercultural, na qual se mesclaram todo o conhecimento adquirido em longos anos de estudo com as informações sensoriais que a escritora recebia a cada instante da viagem. Como mencionamos, dessa viagem resultaram, sobretudo, *Poemas escritos na Índia*

Revista Língua e Literatura, v. 21, n. 37, p. 123-136, jan./jun. 2019.
Recebido em: 30 set. 2019.
Aceito em: 15 jul. 2020.

e *Crônicas de viagem.* Contudo, antes mesmo da sua ida ao país, Cecília já havia escrito o seu mais famoso poema em homenagem a Gandhi. Um homem que pregava a paz pelo mundo, que ajudou na resistência pacífica pela independência de seu país, que sempre lutou com as armas da Não-Violência, mas que foi brutalmente assassinado em 30 de janeiro de 1948. Ter sido abatido a tiros chocou não somente os indianos, mas o mundo todo. O Mahatma era um ícone mundial, a notícia de seu extermínio rapidamente correu a Terra.

No mesmo dia do seu assassinato, ainda fortemente impactada pela trágica notícia, Cecília Meireles escreveu uma das mais belas elegias da língua portuguesa, a Elegia sobre a morte de Gandhi, poema emblemático no que diz respeito aos princípios éticos e filosóficos de Gandhi na obra ceciliana:

> Aqui se detêm as sereias azuis e os cavalos de asas.
> Aqui renuncio às flores alegres do meu íntimo sonho.
> Eis os jornais desdobrados ao vento em cada esquina:
> "Assassinado quando abençoava o povo".
> (MEIRELES, 2001, p. 1608)

Esses quatro versos abrem o fúnebre poema e revelam o profundo desgosto que o impacto da notícia teve no eu-lírico ceciliano. Os jornais do dia estampavam em manchetes o trágico acontecimento e todo o universo místico e encantado que vinha daquele lado oriental tinha sido subitamente estancado.

Uma elegia é sempre um canto fúnebre em homenagem a alguém querido, um canto de dor, porém também de celebração da memória e dos feitos de quem morreu. Meireles escreve em pleno processo de luto por aquele homem que admirava. O lamento de Cecília não é pelo desaparecimento do Mahatma, mas pelo fato dos homens não terem conseguido absorver o sentido de suas palavras, o significado da Não-Violência.

> Na vasta noite, ouvi um pio triste, uma dorida voz de pássaro.
> E, acordando, procurava um lugar longe e ininteligível.
> Eras tu, então, que suspiravas, débil no pequeno sangue final?
> Eram teus ossos longínquos, atravessados pela morte,
> ressoando como bambus delicados ao inclinar-se do dia?
> *Les hommes sont des brutes, madame.*
>
> Ó dias da Resistência, com as rocas fiando em cada casa...
> Ó Bandi Matarâ, nos pequenos hormônios, entre sedas douradas...
> "O chá de Darjeeling, Senhora, tem um aroma de rosas brancas..."
> Ruas, ruas, ruas sabeis quem foi morto além, do outro lado do mundo?
> Sombrios intocáveis da terra inteira, _ nem sabeis que devíeis chorar!
> (MEIRELES, 2001, p. 1608)

Revista Língua e Literatura, v. 21, n. 37, p. 123-136, jan./jun. 2019.
Recebido em: 30 set. 2019.
Aceito em: 15 jul. 2020.

A intuição, parceira de incontáveis poetas, estava presente no espírito de Cecília quando esta afirma ter encontrado na natureza as pistas do funesto incidente. Haveria uma ligação cósmica, espiritual, ligando tudo? A tradição dos *Upaniṣads* e Cecília dizem que sim. Surge pela primeira vez no poema o verso em francês que se torna uma espécie de mantra às avessas: *"Les Hommes sont des brutes, madame"*. Não é uma repetição de uma frase que pretende consolar ou relaxar o espírito. É a constatação de que o ser humano pode ser movido pela maldade: "Os homens são uns brutos, madame." É uma outra voz dentro do poema a contrapor os argumentos que o eu-lírico coloca para tentar compreender aquela barbaridade. Uma resposta sempre em francês (o europeu nunca compreendeu Gandhi) a constatar a brutalidade humana. O eu-lírico invoca o mundo, as ruas, querendo saber se a notícia atingirá a todos. Logo, constata que os "intocáveis do mundo", aqueles por quem Gandhi lutou durante sua vida, não somente a casta indiana dos intocáveis, mas todos os excluídos do sistema dominante na Terra, nem deviam saber que seu grande defensor havia sido abatido cruelmente.

Cecília Meireles também não deixa de marcar a diferença entre Tagore e Gandhi: "Vós, Tagore, cantais como os pássaros que de manhã recebe alimento, mas há pássaros famintos que não podem cantar" (MEIRELES, 2001, p. 1609). Se o primeiro é aquele que eleva e alimenta o espírito com a sua música, sua literatura, sua cultura, o segundo é aquele que vem socorrer quem já não tem mais nada, os miseráveis despojados de tudo, até da dignidade. E continua,

> Deixou-te cair, Bruscamente.
> Ainda restava dentro um sorvo de sangue.
> Ainda não tinha secado teu coração, fantasma heroico,
> Pequena rosa desfolhada num lençol, entre palavras sacras.
>
> O vento da tarde vem e vai da Índia ao Brasil, e não se cansa.
> Acima de tudo, meus irmãos, a Não-Violência.
> Mas todos estão com seus revólveres fumegantes no fundo dos bolsos.
> E tu eras, na Verdade, o único sem revólveres, sem bolsos, sem mentira
> _ desarmado até as veias, livre da véspera e do dia seguinte.
> (MEIRELES, 2001, p. 1609)

Bruscamente abatido, bruscamente lamentado, o grande incentivador da Independência estava, aparentemente, silenciado. Porém, haveria condições de ter esperança? A rosa foi desfolhada. Qual a sua essência? Em toda parte repercute a herança gandhiana da Não-Violência. No entanto, parece algo que só ficou nos discursos, pois estão todos armados, todos prontos a atirarem uns contra os outros toda a selvageria do mundo violento em que

Revista Língua e Literatura, v. 21, n. 37, p. 123-136, jan./jun. 2019.
Recebido em: 30 set. 2019.
Aceito em: 15 jul. 2020.

vivemos. Gandhi nunca temeu essas adversidades, sempre enfrentou tudo com muita coragem, de peito aberto e, principalmente, desarmado, uma entrega de corpo e espírito à sua causa, a busca da Verdade exercendo a Não-Violência. Cecília não lamenta somente a perda física do grande líder indiano, ela lamenta, principalmente, a incapacidade dos homens de entendê-lo e as suas respostas baseadas na força bruta. Ou, nas palavras de Dilíp Loundo:

> A ênfase do lamento recai sobre a brutalidade dos tempos presentes, na incapacidade dos homens de compreender a mensagem de amor e Verdade de Gandhi. A última voz de reconciliação retornava ao silêncio dos céus, já que os homens dispensavam seus serviços. (LOUNDO, 2007, p. 152)

A força do vento é ressaltada algumas vezes neste poema. É ele que espalha a notícia, a sensação de luto, que traz os telegramas, que leva a vida do grande mestre e que, o eu-lírico confessa, leva junto a melhor parte de sua vida, que tinha por espelho um homem sem bandeiras e que se colocava por inteiro no cerne dos problemas por amor ao mundo.

> *Les hommes sont des brutes, madame.*
> O vento leva tua vida toda, e a melhor parte da minha.
> Sem bandeiras. Sem uniformes, só alma, no meio de um mundo desmoronado.
> Estão prosternadas as mulheres da Índia, como trouxa de soluços.
>
> Tua fogueira está ardendo. O Ganges te levará para longe,
> Punhado de cinzas que as águas beijaram infinitamente.
> Que o sol levantará das águas até as infinitas mãos de Deus.
>
> *Les hommes sont des brutes, madame.*
> Tu dirás a Deus, dos homens que encontraste?
> (Uma cabrinha te acordará terna saudade, talvez)
>
> O vento sopra os telegramas: oscilam máscaras; os homens dançam. (MEIRELES, 2001, p. 1609)

Outro objeto simbólico, a fogueira que não se apaga. É o fogo eterno da mensagem, do espírito inflamado pela busca da Verdade e que, finalmente, terá seu encontro definitivo com Deus, a sua integração ao amor absoluto. O eu-lírico ceciliano lança a dúvida: irá essa grande alma falar a Deus dos homens que encontrou? Muito possivelmente, o Mahatma falaria dos homens, inclusive os que o repudiaram e o maltrataram, visto que perdoou seu assassino, com compaixão. Ainda assim, o estribilho da frase em francês não cessa. No fundo da alma há essa voz a definir tudo, os homens maus que rondam por toda parte.

A existência sempre gerou inquietação em Cecília Meireles, e nesta elegia surgem as dúvidas filosóficas, a insegurança perante o acontecido. É exatamente a estrutura que

Revista Língua e Literatura, v. 21, n. 37, p. 123-136, jan./jun. 2019.
Recebido em: 30 set. 2019.
Aceito em: 15 jul. 2020.

encontramos na Elegia sobre a morte de Gandhi. O acontecimento devastador faz, por si só, brotar essa imensa insegurança do eu-lírico em relação a si mesmo, aos outros, ao mundo, ao futuro. As palavras parecem não dar conta de descrever tamanha bestialidade. Nem as palavras ditas pelo Mahatma - que parecem ter sido levadas com o vento - nem as palavras da própria escritora - que se lança nessa linha tênue entre a ficção e o mundo real, entre o lirismo da possibilidade de Gandhi ser acordado pela cabra que o alimentava e a cruel faceta dos homens, insistentemente repetida, a alertá-la sobre a brutalidade humana - conseguem traduzir exatamente o que se sente.

> Eis que vai sendo carnaval aqui. (Por toda a parte.)
> As vozes da loucura e as da luxúria retesam arcos vigorosos.
> O uivo da multidão reboa pelos mil planos do cimento.
> Os santos morrem sem rumor, abençoando os seus matadores.
> A última voz de concórdia retorna ao silêncio do céu.
>
> Estão caindo as flores das minhas árvores. Vejo uma solidão abraçar-me.
> Chegam nuvens, nuvens, como apressados símbolos.
> O vento junta as nuvens, empurra tropa de elefantes.
> Voai, povos, socorrei o esquálido santo que vos amou.
> (MEIRELES, 2001, p. 1609)

O eu-lírico não deixa de perceber o paradoxo do momento feliz no Brasil, com a proximidade do carnaval, e a perplexidade pelo crime hediondo da morte de Gandhi. A inquietação permanece. Ele era a última voz que pregava a união e a paz entre os povos e estava morto. O eu-lírico se sente só, partido, ferido e inseguro, chega a invocar o vento que, novamente, é força que tudo leva: nuvens ou elefantes. Que o vento possa levar a sua voz, sacudir os povos a prestarem socorro ao homem Santo que se foi.

Essa inquietação e a insegurança em relação à vida e ao futuro dão a tônica da elegia, que manifesta a capacidade lírica de Meireles. Capacidade que se mostra com toda sua força nos versos seguintes:

> Descai pelos meus braços uma desistência de beleza e de heroísmo.
> Que correntes haviam entre o teu coração e o meu,
> para que sofra meu sangue, sabendo o teu derramado?
> O vento leva os homens pelas ruas dos seus negócios, dos seus crimes.
> Leva as surpresas, as curiosidades, a indiferença, o riso.
> Empurra cada qual para sua morada, e continua a cavalgar.
> O vento vai levantar chamas rápidas, o vento vai levar cinzas leves.
> Depois, há de escurecer. Vai se chorar muito. Vão ser choradas, enfim,
> as lágrimas que andavas contendo, detendo em diques de paz.
> (MEIRELES, 2001, p. 1610)

Revista Língua e Literatura, v. 21, n. 37, p. 123-136, jan./jun. 2019.
Recebido em: 30 set. 2019.
Aceito em: 15 jul. 2020.

O eu-lírico não consegue enxergar qualquer traço de virtude na humanidade, e é como se esvaísse com a morte de Gandhi, a crença na existência de um ser humano melhor. O sofrimento é imenso. Ele sente em seu íntimo como se a bala o atingisse, como se o último suspiro do velho mestre também fosse o seu. Novamente, ele crê na força dos ventos que tudo levam e purificam, que acompanham os homens pelas cidades onde quer que estejam, que despertarão sentimentos díspares, e que porão fim àquele mundo de tristezas, agitando as chamas da crepitação e espalhando as cinzas ao longo do Ganges. Fechado o ciclo, só restarão as lágrimas, tão fundas, tão doloridas. Lágrimas daqueles que tinham, assim como Cecília Meireles, um reservatório imenso de paz.

Gandhi cumpriu seu destino, nós é que ficamos desamparados, órfãos e cercados por ilhas de ódio, de ressentimento, de inveja. Não é à toa que o eu-lírico ceciliano nos pinta um belo quadro ao final da elegia: o encontro hipotético de Gandhi com Deus e o modo como o divino ser, de certa maneira, justifica ao recém-chegado o trágico assassinato. Um encontro que, de acordo com os princípios do Mahatma, só pode ser com a Verdade.

> Os homens são uns brutos, meu filho.
> Basta de canseira.
> Vamos soltá-los para que voltem ao caos e o oceano ferva.
> E partam e regressem, e tornem a partir e regressar.
> Vem ver destes meus palácios azuis a batalha feroz dos erros.
> É preciso voltar ao princípio. Eu também vou fechar os olhos.
> Por isso ordenei que te quebrassem com violência.
> Não há mais humanidade para ter-te a seu serviço.
> Exala comigo o teu sopro. Até podermos outra vez abrir os olhos,
> Quando os homens chamarem por nós.
> (MEIRELES, 2001, p. 1611)

Este Deus ceciliano está de acordo com a sentença constantemente repetida na elegia. O homem tornou-se brutal em sua essência. Não sabe ouvir os clamores daqueles que lutaram pela paz, dos que foram tocados por ela e pela mensagem de Gandhi, ele antes se desviou completamente do caminho da Verdade. É importante notar que a resposta de Deus a esse Gandhi que foi assassinado se dá em português e não em francês.

Já não é mais a resposta da voz de outrem ao eu-lírico falando da brutalidade dos seres humanos. É a própria resposta divina ao Mahatma que esse eu-lírico poeticamente traduz em seus versos. Para esse Deus, o velho mestre indiano estava "pregando no deserto", então se fazia necessário que a mensagem chegasse de outro modo, de maneira chocante, pela ausência

Revista Língua e Literatura, v. 21, n. 37, p. 123-136, jan./jun. 2019.
Recebido em: 30 set. 2019.
Aceito em: 15 jul. 2020.

trágica do grande líder. Era hora de fechar os olhos para a humanidade e deixá-la sozinha, no caos. Aí, quando houver essa necessidade, de novo, eles se lembrarão de Gandhi, de sua mensagem. Será preciso ouvir o clamor dos homens pedindo paz.

É importante notar que nos dois últimos versos, "Até podermos outra vez abrir os olhos/ quando os homens chamarem por nós", há um sopro de esperança, pois o poema não termina de forma tão pessimista já que acredita na possibilidade de, um dia, o homem se redimir e se transformar quando finalmente clamar por Deus. O mesmo impulso que leva ao mal, pode levar os homens a praticarem o bem. Cecília Meireles, mesmo ferida pela dor, coloca-se à frente dos que clamam. É a porta-voz brasileira, e por que não Ocidental daqueles homens e mulheres que foram tocados de alguma forma pelo desejo do Mahatma Gandhi de uma humanidade pacífica. Como o vento que dispersa a voz de Deus entre mil línguas de fogo, ela espalha a bela mensagem por todos os cantos do mundo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo teve como eixo central a reflexão sobre o diálogo que Cecília Meireles estabeleceu com a Índia e com o líder religioso e político, Mahtama Gandhi. Esperamos ter explicitado a intensa relação que a escritora brasileira travou com esta cultura oriental milenar. Relações que se deram desde a sua infância, passando pela publicação de seus primeiros poemas em *Espectros* e aprofundando-se na sua produção poética da maturidade, com destaque para o poema analisado aqui, "Elegia sobre a morte de Gandhi". Por fim, esperamos que o artigo sirva como contribuição para a rica fortuna crítica da obra ceciliana, uma vez que, no que tange ao diálogo intercultural da Literatura brasileira com a Índia, há ainda poucos estudos realizados e um campo vasto a ser explorado.

Abstract: The literaly work of Cecília Meireles (1901-1964), especially the poetry, is well known. However, there is still one aspect of her work insufficiently studied by the critics and the literary academy: the intense relationship that she established with Indian culture. This article intends to reflect on this relationship, above all it will analize her dialogue with Mahatma Gandhi (1869-1948), the main political and religious leader of India in the twentieth century. It also shows that this relationship with Indian culture took place very early in the writer's life and directly or indirectly covered her entire literary and personal trajectory.

Keywords: Cecília Meireles. Mahatma Gandhi. India.

Revista Língua e Literatura, v. 21, n. 37, p. 123-136, jan./jun. 2019.
Recebido em: 30 set. 2019.
Aceito em: 15 jul. 2020.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Mário de. Sobre *Viagem*. In: *O empalhador de passarinho*. São Paulo, Livraria Martins Editora, s/d.

GANDHI, Mahatma. A única revolução possível é dentro de nós. *eBooksBrasil.org*. Ed. Projeto Periferia, 2004. Disponível em: < http://www.ebooksbrasil.org/eLibris/gandhi.html.> Acesso em: 10 set. 2016.

GOUVEIA, Leila V. B. *Ensaios sobre Cecília Meireles.* São Paulo: Humanitas, 2007. 308 pp.

LOUNDO, Dilip. Cecília Meireles e a Índia**:** viagem e meditação poética. In: GOUVEA, Leila. V. B. *Ensaios sobre Cecília Meireles*. São Paulo: Humanitas, 2007, pp. 129-136.

MEIRELES, Cecília. *Crônicas de Viagem***.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999a. Vol. II.

_____. *Crônicas de Viagem***.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999b. Vol. III.

_____. O diviníssimo poeta. *Para todos*, Rio de Janeiro, n. 262, p. 49, dezembro 1923.

_____. *Poemas escritos na Índia*. 2. Edição. São Paulo: Global, 2014. 168 pp.

_____. *Poesia Completa.* 2. Edição. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001. Vol. I, 1993 pp.

_____. *O que se diz e o que se entende*. 2. edição. São Paulo: Global, 2016. 168 pp.

_____. *Travelling and Meditating*: Poems writen in India and others poems. Trad. Rita R, Sanyal e Dilip Loundo. Nova Delhi: Embaixada do Brasil, 2003. 289 pp.

Revista Língua e Literatura, v. 21, n. 37, p. 123-136, jan./jun. 2019.
Recebido em: 30 set. 2019.
Aceito em: 15 jul. 2020.